A CAPOEIRA FOI A MINHA MÃE: NARRATIVAS SOBRE AS ARTES NA COMUNIDADE QUILOMBOLADE RIO DAS RÃS EM BOM JESUS DA LAPA-BA

Anna Caroline Jesus Araújo
Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB)
E-mail: annacaroline.araujo10@gmail.com

RESUMO

A presente escrita se trata das narrativas orais do professor Moisés Cândido da Silva, conhecido como Professor Zezinho, um dos moradores mais antigos e influentes do território quilombola de Rio das Rãs, na comunidade de Brasileira, pertencente ao município de Bom Jesus da Lapa-BA. As narrativas acerca da jornada de vida do Professor Zezinho são resultado da entrevista realizada pela profª Anna Caroline de Jesus Araujo. Com uma trajetória marcada pelo compromisso com a educação e a cultura, sua atuação foi essencial para o desenvolvimento artístico e educacional da comunidade, tendo ênfase na capoeira e sua formação social cidadã. Morador atuante no movimento quilombola e com a arte e educação, Moisés Cândido carrega com a capoeira uma profunda dimensão artística entre o presente e o passado. Professor Zezinho permanece como referência viva, culturalmente ativa e comprometida com a continuidade das práticas educacionais e artísticas no território quilombola

Palavras-chave: Professor Zezinho; capoeira; educação

O território Rio das Rãs se localiza na cidade de Bom Jesus da Lapa - BA, no Centro-Oeste do Médio São Francisco (atualmente território de identidade do Velho Chico). As comunidades que compõem o território são comunidades negra rural quilombola. Rio das Rãs, Segundo Valdélio Silva (2000), se chamava Mucambo do Pau Preto ou simplesmente Mucambo. Sobre a nomenclatura negra rural, é utilizada para designar os quilombos contemporâneos, quilombos esses que tiveram seu devido reconhecimento e titulação de terra a partir da Constituição Federal de 1998. Ademais, os quilombos contemporâneos são compostos por comunidades e suas formas de identificações, para além do seu aspecto territorial geográfico. Menciono que a nomenclatura faz referências as memórias, mas também a luta social presente, "ao quilombo contemporâneo deve estar associado uma interpretação mais ampla, não somente de resistência no passado, mas, sobretudo, no presente" (Anjos, 2009, p. 108).

> Pesquisar o que chamamos de comunidades quilombolas contemporâneas é, antes de tudo, entrar em contato com energias ancestrais. Os territórios quilombolas do Brasil conservam, em maior ou menor grau, estruturas importantes do que podemos entender por um Brasil tipicamente africano. Nessa perspectiva, partimos da premissa de que a entrada nestes territórios requer respeito e, fundamentalmente, compreensão da sua realidade. Os quilombos foram e são estruturas que vão além da sua típica característica de resistência, essas comunidades são materializações da organização social africana que se constituiu nos espaços urbanos e rurais brasileiros, com uma organização territorial peculiar (Vilela, 2024, p.44).

Arruti (2005) brevemente esclarece como essas comunidades quilombolas se formam e se organizam a partir de questões também territoriais:

> Uma força social relevante no meio rural brasileiro, dando uma nova tradução àquilo que era conhecido como comunidades negra rural (mais ao Centro, Sul e Nordeste), que também começa a penetrar no meio urbano, dando uma nova tradução a um leque variado de situações que vão desde antigas comunidades negras rurais atingidas pela expansão dos perímetros urbanos até bairros no entorno de terreiros de candomblé (Arruti, 2005, p.26).

A cidade de Bom Jesus da Lapa era inicialmente habitada por indígenas. A partir da invasão dos bandeirantes, se instalaram várias fazendas, entre elas a fazenda chamada "morro" que se tornou povoado e depois originou a cidade Bom Jesus da Lapa. A comunidade de Rio das Rãs se iniciou com duas a cinco famílias, e atualmente tem cerca de 600 famílias, e geograficamente tem uma extensão de 37.000 hectares, de acordo com Silva (2000).

A escrita se desdobra a partir das narrativas orais de um dos moradores mais antigos do território de Rio das Rãs, da comunidade de Brasileira, Moisés Candido da Silva, o popular Professor Zezinho, grande colaborador e contador da história do Rio das Rãs. Professor Zezinho nasceu no território de Rio das Rãs e hoje é parte do território. Segundo Milton Santos, o conceito de território está imbricado a sua realidade social, seus costumes e crenças, algo particular de cada comunidade.

> O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. E completa, ainda que é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi. (Santos, 2002, p.96).

Moisés Cândido ou Professor Zezinho, foi o primeiro professor da comunidade e uma grande referência para todo o território, com 36 anos de trabalho com a educação, também atuou como diretor da Escola Emiliano Joaquim Vilaça. Sua narrativa começa quando ele saiu de Rio das Rãs com destino ao estado de São Paulo para estudar e se formar como mestre de capoeira. Quando retornou para a comunidade, foi partilhar com

todos os conhecimentos adquiridos. Além de ensinar capoeira, ele também alfabetizou as crianças. Logo depois também começou a ensinar música e consequentemente, montou uma banda com outros camaradas; Valdélio e Françoá, chamada "Banda Quilombo". Ele também conta que no seu retorno para a comunidade, logo se agarrou às práticas artísticas com seu povo.

Zezinho é um morador extremamente importante para a história e todo o desdobramento no que se refere ao contexto histórico do Rio das Rãs. Por todo o seu feito, ele se torna grande referência e influência em seu território. Por conta da sua ambição em aprender e também em ensinar, é que vários aspectos educacionais e artísticos da comunidade tiveram início e continuidade. Em toda a sua oralidade, identifica-se um sublime sentimento de dever cumprido enquanto morador do quilombo, enquanto artista e principalmente, enquanto professor. Ele deixa explícito que o seu grande sentimento gerador de fome de educação e arte, foi a vontade de ver o seu povo tendo acesso ao conhecimento. Nunca foi somente o Professor Zezinho, foram seus ancestrais e seus companheiros do quilombo que estavam com ele em todo o processo de se aventurar na cidade grande em busca de uma arte específica e de educação. É grandioso ter um protagonista de uma parte importante da história da comunidade de Brasileira ainda vivo, ativo culturalmente e socialmente no território.

Moisés Cândido é um morador que não se limita a aprender as práticas de arte e cultura, apesar das suas limitações físicas por conta da sua idade, atualmente ele se mantém sempre potente e atento com a continuidade das práticas artísticas e educacionais do seu povo. Também mantém a memória viva através da oralidade, e a sua grande participação na história do seu território e da sua comunidade.

> A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam: ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas censuras ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discursos críticos. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta e a torna sempre prosaica [...] (Nora, 1993, p.9).

A memória é um elemento que faz parte da constituição da oralidade; as duas formam uma via de mão dupla e, juntas, são capazes de fazer um cruzamento entre passado e presente, trazendo à tona um arcabouço de sentimentos que estavam internalizados e que são performados a partir da oralidade, do afeto, da reminiscência e

todo o corpo vivo. O indivíduo performa, através do seu corpo o mais significante para o seu povo, a sua luta. O corpo é um portal, é coletor de vivências e externador de memórias. Entende-se com isso que o corpo sempre está embebido conscientemente ou inconscientemente por suas experiências (Setenta, 2005). Ao se apresentar, Moisés Candido se coloca não somente como um corpo, mas também como um corpo que se faz ponte entre passado e presente. Um corpo potente em toda a sua totalidade vivenciada. Um corpo com a sua corporeidade carregada de significância viva e latente. É a partir do corpo e da corporeidade que acontecem as construções simbólicas, a comunicação verbal e corporal e também o autoconhecimento (Martins, 2015).

Toda a entrevista com o Professor Zezinho foi realizada por Anna Caroline de Jesus Araujo[1] no quilombo Rio das Rãs de Bom Jesus da Lapa, em novembro de 2023 durante uma vivência de dez dias na comunidade. Nota-se nas falas do professor Zezinho, uma forte ligação do seu trabalho enquanto professor e como o fato dele ser professor está imbricado na construção da sua identidade e identificação, como ele menciona na entrevista a seguir:

> Sou Professor Zezinho falado como apelido, mas meu nome é Moisés Cândido da Silva e já estou adaptado ao apelido de Zezinho... Nasci aqui na Brasileira, no quilombo Rio das Rãs e viajei pra São Paulo com 14 anos, por eu ser um nato daqui eu não tinha interesse em cidade grande, não tinha interesse em nada que falava "cidade". Eu queria aprender algumas coisas na cidade e trazer também como experiência e ensinar o meu povo. E foi. E foi o tempo que em 1981 começa aqui, os conflitos com os fazendeiros, bem básico, bem entendido para um lado e mal entendido para outro, e que a gente já sentia a cisma. E os pessoal foi dizimando, foi indo embora, nossos pais e outros foi indo... Foi saindo pra caçar recurso. Ai quando eu chego lá na capital São Paulo, eu vi muitas coisas boas, muitas coisas bonitas, arte e tal... a cultura e enfim. Era tudo para aprendizagem e me interessei a me formar, e no primeiro ponto eu me formei em capoeira. Em 1986 eu recebi o meu diploma de capoeira. Quando me formei em São Paulo em capoeira, naquele tempo falava formação de uma graduação, para ser mestre falava faixa preta. Capoeira é a defesa pessoal, aquilo me pagava assim... tinha alguma coisa fora do acordo, do que eu tava procurando, porque eu queria uma coisa alegre, uma coisa que eu representasse, uma coisa que eu cantasse, uma coisa que eu assumiria outras partes de outras culturas e tal. Mas eles diziam que a capoeira era defesa pessoal. Mas assim me foi chegando e eu conhecendo o que não sabia, fui conhecendo mestres e mestres e pessoas de palestras de faculdade, na realidade a capoeira ela foi uma arte e uma defesa pessoal, mas na realidade para o muito que eu tava caminhando, eu já iniciava uma arte de divulgações. É uma arte que a pessoa poderia tá aprendendo a tocar, a cantar, teatro com o mestre Neinha de São Paulo, mestre Zelino. Então, eles incorporou uma coisa assim muito bonita e naquela de bonito, também muito feia, e porque tinha a questão da defesa pessoal, a pancadaria. E a coisa da arte é uma coisa bonita, mas

[1] Anna Caroline de Jesus Araujo, professora de Artes Visuais pela Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB), Mestra em Ciências Humanas e Sociais pela UFOB, especialista em História e Cultura Afro-brasileira residente no Oeste da Bahia.

> dentro dessa coisa bonita também na capoeira, onde eu me amarrei mais foi no sofrimento dos negros e dos índios. E teve classe branca também sofrida, porque teve um tipo de escravização, mas não foi uma escravização igual aos negros e com a mortalidade dos índios também. Mas eu fui me classificando em buscar caminhos de me entregar ao povo, principalmente ao povo quilombola, ao meu povo. (Professor Zezinho. -Entrevista concedida a Anna Caroline de Jesus Araujo, Bom Jesus da Lapa/BA- 2023).

Observa-se nas palavras do Professor Zezinho um sentimento de comunhão com o seu povo. Ele deixa nítido que a sua ambição em aprender coisas novas em uma capital, é para poder repassar para seus companheiros e fortificar a cultura da sua comunidade. A sua decepção inicialmente com a capoeira que ele encontrou na capital por conta da violência, é decorrente da história da própria capoeira. Nesse contexto, a capoeira surgiu como uma forma de resistência à opressão sofrida pelos negros escravizados. A capoeira surgiu como um movimento de autodefesa, uma mistura de dança, música afro e artes marciais. Era uma estratégia de camuflar a capoeira para os senhores de engenhos, logo eles pensavam que essa prática corporal era inofensiva e se tratava apenas de uma dança acompanhada de cantorias e instrumentos. No seu nascedouro, a capoeira para além de uma expressão artística, foi necessária ser violenta como uma estratégia de sobrevivência dos negros, mas imbricado em toda a sua execução, existe também a arte.

> E a capoeira era dura, era regional com angola. Eu fiz regional mas antes de eu formar tive que me especializar [...] E o mestre Bimba foi aquele camarada se refugiando dos militares das classes maiores e ele era de um berço de pessoas, marinheiro já alto, ele era fogo, mas ele não sofria o que os outros negros sofriam. Mestre Bimba tem uma caminhada bacana, ele era mestre por graduações ao ver dos olhos dos outros negros e tal. Ele não tinha a formação direta, aí foi formando essa forma de olhar, de fazer, de ser, de conhecer. Mas era a capoeira origem angola, e ai foi o alerta que a moça deu pra mim, para nós, na sala de aula, a senhora de São Paulo, professora da universidade, pra a gente conhecer o que nós tava jogando, a capoeira regional que era pau, e que mestre Bimba queria levantar a capoeira angola através dos jogos entre box, caratér, kungfu aquelas coisas e tal. , mas que na realidade, pra um lado, o mestre escondia da elite pra que não tivesse sabedoria sobre a capoeira, sobre a arte dos negros, sobre o candomblé, sobre a umbanda e tal ele amarrava, ele ensinava, aguardava e escondia e aí foi que a gente percebemos. E eu percebi que na realidade a capoeira a origem era angola que veio da África, mas mesmo assim sem instruturação nenhuma. A capoeira se desenvolveu na base das redes daqui, junto com o candomblé, junto com a capoeira, maculelê entendeu? Mas tudo também foi aí que fui percebendo dos mestres e mestres que eles estavam ensinando umas coisas mas que tinha que esconder algumas coisas, então a gente vai conhecendo a riqueza e vai conhecendo também da pobreza da pele nossa, vai conhecendo palavras que nós não poderíamos falar em São Paulo e vai reconhecendo o tratamento dos negros na cidade grande, nem só em São Paulo... (Professor Zezinho-Entrevista concedida a Anna Caroline de Jesus Araujo, Bom Jesus da Lapa/BA-2023).

Para Areias (1983), como os escravos africanos não possuíam armas para se defender dos inimigos, dos feitores e senhores de engenho, movidos pelo instinto natural

de preservação da vida, descobriram em si mesmos a sua arma, a arte de bater com o corpo. Há uma semelhança com as brigas dos animais; coices, saltos e botes. Os negros aprimoraram os golpes da capoeira a partir dos animais e das suas vivências. Para além dos movimentos corporais, os negros deram a nomenclatura de alguns movimentos da capoeira de acordo com o nome de animais, a exemplo temos movimentos que se chamam "macaquinho", "rabo de arraia", "andorinha", "rinoceronte". Areias (1996, p.15-16) acrescenta "tendo como mestra a mãe natureza [...], utilizando-se das estruturas das manifestações trazidas da África [...], os negros criam e praticam uma luta de autodefesa para enfrentar o inimigo". Com os golpes mortais disfarçados de dança, a capoeira teve a sua malícia escondida por algum tempo, mas com o passar dos tempos, os nossos colonizadores perceberam o poder fatal da capoeira, proibindo e rotulando-a de 'arte negra' (Santos, 1990). Professor Zezinho, em seu relato menciona um grande Mestre na capoeira regional, que até nos dias de hoje é grande referência; Mestre Bimba. Manoel dos Reis Machado, conhecido como Mestre Bimba, nasceu aos 23 de novembro de 1900, no bairro de Engenho Velho, Freguesia de Brotas, em Salvador, Bahia. Sobre Mestre Bimba e sua capoeira, Capoeira (1985) afirma que:

> Manoel dos Reis Machado [...] foi um dos maiores capoeiristas de seu tempo. Excelente jogador, lutador perigoso, excepcional e criativo tocador de berimbau, cantor de mão cheia, era homem de personalidade forte e marcante. Abandonou as rodas de capoeira angola de sua época e abriu sua academia por volta de 1930 e passou a ensinar a sua modalidade de capoeira que foi chamada de regional (Capoeira, 1985, p. 48).

Os negros a praticavam tanto nas fazendas quanto nos terreiros, por conta disso, que em algumas canções na capoeira se encontra o termo "vadeiar". No entanto, de acordo com Mello (1996), essa prática se dava de maneira clandestina, pois, uma vez que ela era utilizada como arma de luta, os senhores de engenho passaram a coibi-la veementemente, submetendo a terríveis torturas todos aqueles que a praticassem. Reis (1997), afirma que a capoeira é uma manifestação cultural brasileira nascida em circunstâncias de luta por liberdade, nos tempos da escravidão. Sendo então a capoeira uma arte de divulgações, tendo a dança, a performance, o cantar e o tocar, a capoeira também é resistência. Professor Zezinho, em seu relato explicita também a sua consciência racial, resinifica toda a luta de resistência à escravização em forma de arte e tudo que ele encontra como prática artística afro-brasileira, ele se dispõe a aprender, não somete para um interesse pessoal, mas também em prol de um compartilhamento com seu povo. É visto que ele encontra na capoeira um cruzo de possiblidades artísticas, tendo uma grande ganância de

aprender para poder ensinar, assim como diz na música Yáyá Massemba de Roberto Mendes e José Carlos Capim "Vou aprender a ler para ensinar meus camaradas[2]".

E falando sobre aprender para poder ensinar, eis que Professor Zezinho retorna ao território de Rio das Rãs, para a comunidade de Brasileira e começa a difundir todo o seu conhecimento aprendido na capital de São Paulo.

> Quando eu olho pra trás, pra esse povo aqui, já tinha gente aqui lutando com o Simplício, como Mário Nunes e como outros. Então eu resolvi vir visitar minha terra, e quando voltei pra visitar aqui... quando eu cheguei em 1986, aí eu achei a coisa diferente, eu esperava minha comunidade da maneira que eu saí e cheguei aqui já achava gente brancos, achava leis no lugar. A gente já não tinha o direito de viver como a gente vivia, pessoas oprimidas aqui dentro e me chocou bastante. Eu via a juventude em São Paulo, menino de 12 anos, 14 anos, já estavam super bem letrados, falam bem, sabia escrever e tal. E aqui, eu cheguei e o pessoal mais velho, que aprendeu na luz da lamparina a escrever pelo menos o nome e tudo bem. A juventude, era afastada, não tinha "escola", era particular. E outra hora não tinha escola particular e nem direto da prefeitura ... (Professor Zezinho. -Entrevista concedida a Anna Caroline de Jesus Araujo, Bom Jesus da Lapa/BA- 2023).

No seu retornar para a comunidade de Brasileira, Professor Zezinho se depara com uma realidade diferente de quando ele saiu. Ele olha para a sua comunidade e vê que precisa de avanços na educação. Ele encontra uma juventude diferente da que ele se habituou na capital e o seu desejo é fazer com que a comunidade avance e tenha melhorias, assim como na cidade grande. Ele se vê na responsabilidade de ser um sujeito que colabora com a educação. A sua formação na capoeira foi uma formação para além de ser "capoeirista".

> Em 1987, o primeiro começo meu em Brasileira, no quilombo Rio das Rãs, a formar a capoeira. Começei a trabalhar a capoeira, mas só que o lugar estava sem professor e eu não era formado ainda como professor para poder dar aulas e tal, e foi lá em Bom Jesus da Lapa, arrumou um vereador chamado Teixeira, e ele rapidamente já fez, já me convidando, me colocando no trabalho, querendo que eu fosse na Lapa. E eu fui na Lapa e tal, diz que fez um teste comigo, e eu pensei que era um teste igual São Paulo e tal... Ele disse, escreve isso aqui, escreve isso ali, a secretária de educação também falou, escreve isso aqui e eu escrevi tudo que ela falou. Fiquei pensando... deve ser um teste que eles estão fazendo comigo, diferente do teste em São Paulo, mas cada lugar tem o seu jeito. Aí ela falou: Muito bom, gostei, legal e tal. Aí falou: "O senhor pode começar amanhã lá?" Eu falei: "Caramba, começar o que? Começar a trabalhar!"... (Professor Zezinho. -Entrevista concedida a Anna Caroline de Jesus Araujo, Bom Jesus da Lapa/BA- 2023).

[2] Fonte: https://www.agendartecultura.com.br/noticias/ouve-ai-aprender-ler-ensinar-camaradas/.

Ao começar a sua atuação como professor, Zezinho lecionava em um espaço improvisado na sua casa, uma sala limitada a certa quantidade de aluno. Formalmente ele começou o processo de alfabetização das crianças da comunidade. Seu desejo era ver todos estudando e tendo acesso à educação, assim como a juventude de São Paulo, onde ele sempre se refere nas questões de progresso na educação. Em muitos momentos na narrativa de Zezinho, a memória está sempre presente na construção do seu atual "eu". É o cruzo da linguagem e da memória, manifestada em uma narrativa que performa sua trajetória e ressinifica sua vivência.

> Comecei a ensinar os alunos, mas na mesma semana eu já tava como professor de capoeira. Mas aí essa escola chegou e tumultuou tudo juntos, aí ficou aquele negócio que eu não estava entendendo. Ensinar aula de capoeira e ao mesmo tempo ensinando aula "normal" na escola. E eu falei: "Ah, mas vai ser assim e fui!" Na semana eu fazia as aulas da prefeitura para as crianças e no domingo eu aplicava as aulas de capoeira. A alegria minha era eu ver meus capoeiras aumentando e aumentando, e aprendendo e aprendendo e tal... E a outra alegria minha era segurar a mão da criança para escrever o nominho deles, todos eles, passando um por um. E aqueles melhorzinho eu aproveitava como professor para ensinar os que ainda não sabiam. Eu fiz um trabalho que foi Deus que botou na minha cabeça, de alfabetizar, formando eles e botando pra Bom Jesus da Lapa, e a coisa criou ... (Professor Zezinho. –Entrevista concedida a Anna Caroline de Jesus Araujo, Bom Jesus da Lapa/BA- 2023).

Sempre preocupado com o seu povo, Moisés Cândido transformou sua experiência em São Paulo em um projeto chamado "Asfalto Azul". Esse projeto tinha como intuito formar os jovens com a comunicação visual para se locomover geograficamente e também na formação da escrita das cartas de emprego e ficha de inscrição para as vagas desejadas. Ele menciona que o projeto foi de grande valia, pois quando ele chegou na cidade grande, teve que aprender tudo na prática, não teve um ensinamento prévio de como se locomover geograficamente em uma capital. Sendo assim, ao mesmo tempo que ele repassa sua experiência para seus camaradas, ele também incentiva os demais a terem a audácia de buscarem novos conhecimentos, mesmo valorizando seu território, Professor Zezinho assume que existia e ainda existe uma defasagem nas políticas públicas voltadas para o seu povo.

> Era ensinar os meninos para quando viajasse para São Paulo saber atravessar a rua e conhecer as coisas e semáforo, e a gente chamava antes de sinal. E eu queria que eles conhecessem quando o sinal parava, acendia um, apagava outro para eles caminhar em São Paulo. E ensinar números e nomes dos "bûs", porque naquele tempo as linhas eram poucas, não era igual agora. E assim pelo final de tudo, debati esse curso com eles, e também para eles ir para lá, eu pegava e escrevia então a ficha de empregamento para eles saberem preencher a ficha e não errar, saber qual o documento... Muito interessante o curso, aí enfim, firmei ... (Professor Zezinho. - Entrevista concedida a Anna Caroline de Jesus Araujo, Bom Jesus da Lapa/BA- 2023).

Mesmo já lecionando, Professor Zezinho sempre teve uma grande paixão pela arte. Só a educação formal, para ele não bastava. Ele via futuro e progresso na sua comunidade na questão artística e assim foi feito. Além de professor, capoeirista, ele foi para o ramo da música. Ele faz uma retrospectiva do passado e se lembra que, antes dele ir para a capital, na sua comunidade já existia produção musical. Ele se lembra da cultura e da música que ele havia deixado na comunidade e que ao seu retornar já não era tão frequente como antigamente. Agora seria a geração dele que estaria trabalhando a produção musical do quilombo Rio das Rãs na Brasileira.

> Ai quando terminei toda essa etapa de preocupação com meu povo, eu lembrava, cadê o samba que tinha aqui? Cadê a viola do meu avô que tocava a chula e tocava aquelas violas para a gente à noite? Cadê a sanfona que o outro avô meu, um era violeiro e o outro sanfoneiro, e cadê o tamborim? Cadê o pandeiro? Cadê o surdo? Tudo tinha aqui... cadê também o violão de Ti Abelim? Nós ia de bicicleta ou de apé ao Riqueiro que era aqui na comunidade dele, aí fui caminhando, fui vendo isso, pegando isso aqui, pegando samba ali, e o samba de lá, da baixa que é de saco dos boi e olhando Rio das Rãs, eu via que aqui tinha uma diferença cultural que era antiga ... (Professor Zezinho. - Entrevista concedida a Anna Caroline de Jesus Araujo, Bom Jesus da Lapa/BA- 2023).

Na música ele se expande artisticamente como cantor, compositor e também produtor. Como já mencionado por ele, a capoeira foi a arte de divulgações em que ele se desdobrou a aprender, e foi a partir dela que ele entra no ramo musical, com seus camaradas, formando bandas, compondo músicas, gravando e viajando para fazer shows em outros “terreiros”.

> Mas aí a cultura ... e eu falei da música, eu preciso de alguma coisa, tô ensinando os meninos na sala de aula, ensinar a tocar tambores, tocar violão, toca isso e aquilo, cantar, fazer a pluralidade da música e tirar aquilo que a música não tinha, tirar no microfone, ensinar no microfone, tirar a microfonia, microfonia é aquele barulho né. E aí fui fazendo isso tudo, mas o tempo vai passando e eu chego a 2002 parece, que eu chego com a música ensinando, mas era aí agora quando eu fiz a música tem o fundamental que eu tenho que fazer. Eu tenho que fundar a banda, eu vou fundar uma banda. Aí o professor Valdélio de Salvador veio aqui, e João Françoá, ele veio e falava comigo e eu copiava e tal e enfins. Aqui eu conhecia Luiz Gonzaga e tal, mas lá em São Paulo eu conheci Elis Regina, Gal Costa, Maria Betânia, Milton Nascimento, o pianista... lá em São Paulo era uma rama de cantores e tal, mas eu queria falar desse carinha que era o cantor, e que me aparece pra mim um tal chamado Gilberto Gil, com aqueles converseiros (risos) e falava umas coisas, e a guerra do palco... quando pensa que não, aparece Caetano Veloso, aparece Tom Zé... então eu me envolvi ao mundo musical mais que nunca até hoje. Eu sou um musical daqui, agora eu vou fazer o que? Vou cantar Elis Regina? Vou cantar Tim Maia? A cantora nossa, Clementina de Jesus? Eu tenho que aproveitar isso tudo. ... (Professor Zezinho. -Entrevista concedida a Anna Caroline de Jesus Araujo, Bom Jesus da Lapa/BA- 2023).

Tendo um vasto repertório artístico e grandes referências musicais, dentre várias músicas composto pelo Professor Zezinho, tem uma que é a base da Banda Quilombo. É uma das músicas que o público mais cantava, pois além de falar sobre a vida do Professor Zezinho, é uma composição que conta também um pouco da formação e mistura racial dos moradores do Rio das Rãs. Como ele diz, ele é filho de índio, filho de negro e neto de nagô. E menciona que sua mãe é índia, seu pai é da raça branca, mas os seus avós maternos são todos negros. E dessa mistura racial ele compôs a música chamada "Sou Filho de Índio, sou Filho de Negro".

> Sou filho de índio, sou filho de negro
> Sou neto, Sou neto nagô
> Sou filho de índio, sou filho de negro
> Sou neto, Sou neto nagô
> Vai embora negro, não vou
> Vai trabalhar negro, nagô
> Vai embora negro, não vou
> Vai trabalhar negro, nagô
> Amor, estou saindo agora
> Vou voltar ao anoitecer
> Pra ficar com você
> Amor, estou saindo agora
> Vou voltar ao anoitecer
> Pra ficar com você

Sempre mantendo sua memória racial latente em seus afazeres artísticos, Professor Zezinho, na sua posição de compositor e cantor, se apropriou também da musicalidade para dar uma bela aula de História em seus arranjos musicais. Zezinho compôs uma música chamada "Ganga Zumba" e em uma entrevista dada para Ueliton Barbosa no seu canal do Youtube[3] em 2015 ele explica a importância social e histórica da música.

> A primeira música foi a "Ganga Zumba" (Vocês pagam pau pra minhas tranças). Essa música ela chama a identidade física. Essa música eu escrevi para que as pessoas entendessem o resgaste dos negros quando estavam escravizados na época de Ganga Zumba e Zumbi, para tirar dos canaviais das mãos das pessoas que escravizavam para levar para os quilombos, que eram em troca de sacos de milho, de arroz... enfim e tal. E aí então acontecia que os negros quando viam Ganga Zumba levar um negro daquele, ele ficava olhando Ganga Zumba sair com o negro mutando no cavalo e Ganga Zumba pra mostrar pra ele que o próximo seria ele, sorria pelo canto da boca. Então, por isso eu escrevi essa música para levar mais, assim, uma consciência para os jovens

[3] Fonte: YOUTUBE, link de acesso:
https://www.youtube.com/watch?v=DtNaoEb4Q6c&list=RDDtNaoEb4Q6c&start_radio=1&t=432s

> negros do quilombo do Rio das Rãs ... (Professor Zezinho. - Entrevista concedida a Anna Caroline de Jesus Araujo, Bom Jesus da Lapa/BA- 2023).

As letras das canções do Professor Zezinho são carregadas de memória e vivência pessoal, ele se apossa das suas vivências, sejam elas boas ou ruins, enquanto homem negro, artista, professor e quilombola, para produzir arte e divulgar sua expressão pessoal. Ele também conta em suas canções, um pouco da sua vida pessoal e familiar, atrelado à história da escravização e poesia em forma de protesto. Segue uma das composições na qual o Professor Zezinho faz um cruzo do passado e presente e da formação da sua identidade negro e quilombola.

> Vocês não aceitam nossa cor
> Somos origens negro, bantos e nagô
> A nossa história é exótica para vocês
> Angola, Youruba e Sudanês
> Nosso rei Ganga Zumba, muntado no seu cavalo
> Vendo o seu povo escravizado ele sorria...
> Transmitindo esperança e alegria
> O negro é a ciência africana
> Sabedoria conhecimento da baiana
> Nossos cabelos trançados rastafári
> A nossa ginga mostra a nossa identidade
> Nosso batuque, nossa música nossa dança
> Vocês querem nos imitar
> Sei que vocês pagam pau
> Pelas nossas tranças, ças, ças
> Mesmo vocês sorrindo dos nossos sorrisos
> Aumenta nossas esperanças

O corpo passa a constituir o saber desta comunidade, fazendo-se como um arquivo vivo, fortalecido em uma sabedoria corporal (Tavares, 1997, p.6). A memória que o corpo carrega é de uma vivência pessoal e também em comunidade. “Somos suportes de memórias e de saberes múltiplos encarnados de forma cruzada pelos princípios e potências” (Simas, Rufino, 2018, p.118).

Parafraseando Martins (2021) quando ela menciona que o corpo é um portal que, simultaneamente, inscreve e interpreta, significa e é significado, sendo projetado como continente e conteúdo, local, ambiente e veículo da memória, podemos fazer um paralelo entre o corpo do/da capoeirista estar sempre em base (movimento principal da capoeira), preparado para atacar e se defender. O corpo em jogo não se limita a dançar, lutar, gingar. Ele reinscreve no balanço da sua ginga toda uma história negra que não foi escrita, mas sim contada, cantada, e na capoeira, performada. A ritualística do corpo em movimento no jogo da capoeira transcende qualquer hierarquia social colonial, de gênero, de raça e de classe. Se apropriar da capoeira como uma arte decolonial é praticar/versar sobre

cruzos de saberes epistêmicos. A capoeiragem dos corpos é clamor de liberdade e transgressão de sabedoria que no compasso da ginga, versa mandingas e externa chamamento de outras rotas que cruzam a vadiação e a malandragem imbricadas na capoeira.

A fala, os gestos e a memória do Professor Zezinho são comunicadores verbais e não verbais, valorizar a história oral, mesclando a arte, a memória, a educação e o nascedouro de uma comunidade atrelando ao saber produzido deles para eles, ou seja, dos quilombolas para os quilombolas, é uma sabedoria e prática anticolonial. Dar ao corpo o poder e liberdade de falar é mesmo que dar a ele a sua condição de ser "ouvido", mantendo a sua vivência em trânsito a partir da oralidade. O ato de falar, corporifica poética do corpo em consonância com a sua gestualidade. Além de abarcar o corpo pensante que externa suas memórias/emoções, a fala mantém o que as vezes a gestualidade não externa em sua performance. Na fala, codifica uma série de sentimentos que somente o corpo físico, às vezes não alcança comunicar. A fala reverbera vitalidade em transe.

Portanto, as práticas artísticas corporais e culturais existentes em Rio das Rãs, são formas de atravessamento de outras culturas e também uma forma de resistência ao período de escravização que os seus antepassados sofreram, e que ainda nos dias de hoje, sofrem resquícios. A capoeira, na comunidade de Brasileira tomou uma dimensão social e cultural considerável, porque foi a partir da capoeira que a comunidade teve acesso à educação formal. E no cruzo da educação formal e da capoeira, foi que então, a comunidade ganhou força e visibilidade para ser assistida por melhorias educacionais vinda do governo, em diálogos com as três esferas. Inserir a capoeira na educação como força vital é uma arma certeira de batalha, é um grande desafio de qualquer educador. Entende-se que a educação nesse contexto de valorizar a potência do corpo é uma prática decolonial. Pensar a capoeira e a educação como uma forma de reaprender as práticas advindas das culturas afro-brasileira é sobretudo um ato de afirmação da educação de rua advinda da matriz afro-brasileira.

REFERÊNCIAS

ANJOS, R. S. A**. Quilombos – Geografia Africana – Cartografia Étnica – Territórios Tradicionais.** 1ª ed. Brasília: Mapas Editora e Consultoria, 2009. p.190.

ARRUTI, José Maurício. **Mocambo:** Antropologia e história do processo de formação quilombola. São Paulo: EDUSC, 2005.

AREIAS, Almir das. **O que é capoeira**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

AREIAS, Anande das. **O que é capoeira**. 4. ed. São Paulo: Ed. da Tribo, 1983.

BARBOSA. Ueliton. **Banda Quilombo rio das Rãs.** Youtube. 26 de mar. de 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DtNaoEb4Q6c&list=RDDtNaoEb4Q6c&start_radio=1&t=432s. Acesso em: 05 ago. 2025.

CAPOEIRA, Nestor. **Galo já cantou**. Rio de Janeiro: Arte Hoje, 1985.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de
Janeiro: Cobogó, 2021b.

MARTINS, Ernesto. A corporeidade na aprendizagem escolar: Entrelaços fenomenológicos do pensar e agir. **Educar em Revista**. Curitiba, Brasil.Editora UFPR, n. 56, p. 163-180, abr./jun.2015.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Projeto História. São
Paulo: PUC, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

REIS, Letícia Vidor de Souza. **O mundo de pernas para o ar**: capoeira no Brasil. São Paulo:
Ed. Publisher Brasil, 1997(b).

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal**. 9ª Ed. São Paulo: Ed. Record, 2002.

SANTOS, Luiz Silva. **Educação, Educação Física, capoeira. Maringá**: Imprensa Universitária, 1990.

SILVA, Moisés Cândido da. **A capoeira foi a minha mãe**: narrativas sobre as artes na comunidade de brasileira no rio das rãs. Entrevista concedida à Anna Caroline de Jesus Araujo. Bahia, nov. 2023.

SILVA, V. S. **Rio das Rãs à Luz da Noção de Quilombo**. Afro-Ásia, 2000. Disponível em:https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20987. Acesso em: 22 nov. 2022.

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato**: A ciência encantada das macumbas. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SETENTA, Jussara. Da potência ao ato. Da ideia para a ação: O corpo em estado de definição. Cognitivo- Estudos. **Revista eletrônica de filosofia**, 2005.

TAVARES, Júlio. Educação através do corpo. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.** No 25, p.216-221, 1997

Banda Quilombo rio das Rãs. Youtube. 26 de mar. de 2015. Disponível em:https://www.youtube.com/watch?v=DtNaoEb4Q6c&list=RDDtNaoEb4Q6c&start_radio=1&t=432s. Acesso em: 08 ago, 2025.

VILELA, R. O., Neio Lucio de Oliveira Campos. Os quilombos contemporâneos e a proteção da biodiversidade: aproximação teórico-conceitual. **Revista Eletrônica**: Tempo - Técnica - Território, v.5, n.2 (2014), p. 42:59 ISSN: 2177-4366 DOI: https://doi.org/10.26512/ciga.v5i2.15395.

Recebido em: 07/08/2025
Aceito em: 13/11/2025
Publicado em 25/11/2025